



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

TENDÊNCIAS E INCERTEZAS PARA A CONSTRUÇÃO DE CENÁRIOS NA SUINOCULTURA

MARCELO MIELE; ADEMIR FRANCISCO GIROTTO;

EMBRAPA SUÍNOS E AVES

CONCÓRDIA - SC - BRASIL

mmiele@cnpa.embrapa.br

PÔSTER

ADMINISTRAÇÃO RURAL E GESTÃO DO AGRONEGÓCIO

TENDÊNCIAS E INCERTEZAS PARA A CONSTRUÇÃO DE CENÁRIOS NA SUINOCULTURA

Nome e número do grupo de pesquisa sugerido: Administração Rural e Gestão do Agronegócio, n.º 2

Forma de apresentação: pôster

Resumo

Apesar do bom desempenho recente da cadeia produtiva da carne suína no Brasil, verifica-se que este setor é afetado por instabilidades no cenário internacional e por incertezas de ordem sanitária, econômica e ambiental. A fim de melhor posicionar os agentes econômicos frente às mudanças no ambiente concorrencial, existem inúmeras ferramentas de planejamento e gestão, sendo que a técnica de construção de cenários é uma delas. O presente trabalho é um estudo exploratório da cadeia produtiva da carne suína brasileira, com ênfase nos três estados da região Sul, e tem por objetivo identificar dois elementos centrais na construção de cenários, quais sejam: as tendências e as incertezas percebidas pelos principais agentes da cadeia produtiva. Para tanto, foram entrevistados 19 técnicos e dirigentes das instituições públicas e privadas que representam, apóiam e fiscalizam a suinocultura nacional. Os resultados apontam para as principais tendências e incertezas, bem como para quatro esboços de cenários para a suinocultura nos próximos cinco anos.

Palavras-chave: suinocultura, cenários, tendência, incerteza, planejamento

1. Situação problema

A cadeia produtiva de carne suína no Brasil apresenta um dos melhores desempenhos econômicos no cenário internacional (Tabela 1), o qual se deve a avanços tecnológicos e organizacionais incorporados nas últimas décadas. Na produção primária e na agroindústria vêm ocorrendo mudanças estruturais com o aumento da escala, especialização, tecnificação e

contratualização, facetas do processo mais amplo de industrialização da agricultura (Gomes et al., 1992; Wedekin & Mello 1995; Martinez, 1999; Rabobank, 2002; Abipecs, 2004; Santini & Souza Filho, 2004; Weydman, 2004; Giroto & Miele, 2005; Miele et al., 2006).

Tabela 1 – Produção e exportação de carne suína, Brasil.

	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Produção brasileira (mil t)	2.556	2.730	2.872	2.697	2.620	2.708
Exportações brasileiras (mil t)	128	265	476	496	508	625
Participação nas exportações mundiais	4,1%	8,2%	12,8%	12,3%	11,2%	12,5%
Participação das exportações brasileiras na produção	5,0%	9,7%	16,6%	18,4%	19,4%	23,1%

Fontes: USDA, Abipecs, ABCS, MDIC e Embrapa.

Sendo assim, o Brasil se destaca ocupando o quarto lugar na produção e exportação, que cresceu 389% em volume nos últimos cinco anos, absorvendo boa parte da oferta não consumida internamente e consolidando a posição brasileira. Entretanto, em que pese o aumento contínuo das exportações mundiais, de 3,9% da produção em 2000 para 5,4% em 2005 (USDA), não se verificou crescimento na participação das exportações brasileiras no total mundial, permanecendo o país com uma fatia de pouco mais de 12% (Tabela 1). Além disso, o mercado interno tem absorvido parcela decrescentes da produção, visto que as exportações representam parcela cada vez maior da produção nacional (Tabela 1). Esse acirramento da pressão competitiva e dependência crescente no mercado externo tendem a se agravar com a substituição do consumo por outras carnes como a de frango (o que pode se reverter em função da influenza aviária), bem como em função da concentração das importações em poucos países como Japão e Rússia, responsáveis por quase metade do total das importações em 2005 (USDA). Além desses aspectos econômicos, mas a eles relacionados, assumem importância crescente a instabilidade sanitária dos rebanhos (FAO, 2004), o crescente protecionismo (Lima et al., 2004) e os impactos ambientais. (Guivant & Miranda, 1999; OECD, 2003; Pillon et al., 2003; Testa, 2004).

Apesar da significativa expansão verificada nas exportações brasileiras no último ano, deve-se ressaltar que a atividade vem apresentando ciclos alternados de resultados positivos e negativos em média a cada dois anos (Giroto & Miele, 2005; Miele et al., 2006). Ainda está bastante vivo na memória dos agentes da cadeia produtiva, sobretudo entre os suinocultores, a queda nos preços internacionais do produto e ao aumento dos custos dos grãos que se materializaram internamente nos anos de 2002 e 2003 em uma das piores crises enfrentadas pelo setor. O descarte de matrizes levou a uma queda de 18% no alojamento de reprodutores entre 2002 e 2004 (Miele & Machado, 2006). Somente a partir do final de 2003 inicia-se um processo de reversão nos preços que perdurou até o início de 2005, sobretudo em função da retomada das exportações para a Rússia (Tabela 2 e Figura 1).

Tabela 2 – Preços e relação de troca na suinocultura, médias anuais, região Sul.

Ano	Preço suíno vivo (R\$/kg)	Preço grãos (R\$/kg)**	Relação de troca***
1997	2,16	0,38	5,76
1998	1,92	0,36	5,33
1999	2,00	0,39	5,09
2000	1,92	0,40	4,87
2001	1,96	0,35	5,70
2002	1,69	0,47	3,76
2003	1,80	0,45	4,00
2004	2,19	0,44	5,18
2005*	2,21	0,35	6,31

Fontes: ACCS, Acsurs, Conab, Deral e Embrapa.

* Até setembro, preços atualizados pelo IGP-DI para set/05.

** Preço grãos = (70% preço milho + 30% preço soja)

*** Relação de troca = Preço suíno vivo / Preço grãos

Essas oscilações refletem um descompasso entre demanda e oferta de suínos para o abate, em grande parte devido a expectativas pouco lastreadas nas reais tendências dos mercados compradores, bem como em um desconhecimento dos potenciais aumentos de produção. Sendo assim, o conjunto da cadeia produtiva precisa buscar formas de identificar a real necessidade de aumentar a oferta de carne suína (Miele & Machado, 2006). O planejamento estratégico é um processo que permite reduzir a amplitude das oscilações de mercado através da coordenação da cadeia produtiva, evitando momentos alternados de euforia e depressão. Para tanto, existem vários instrumentos como o planejamento contingencial, a análise de sensibilidade, os modelos de simulação e os cenários prospectivos (Schoemaker, 1995). O problema aqui focalizado é a necessidade de desenvolver instrumentos de planejamento para a cadeia produtiva no Brasil. O objetivo do trabalho é apoiar os agentes da suinocultura brasileira identificando os elementos centrais na construção de cenários.

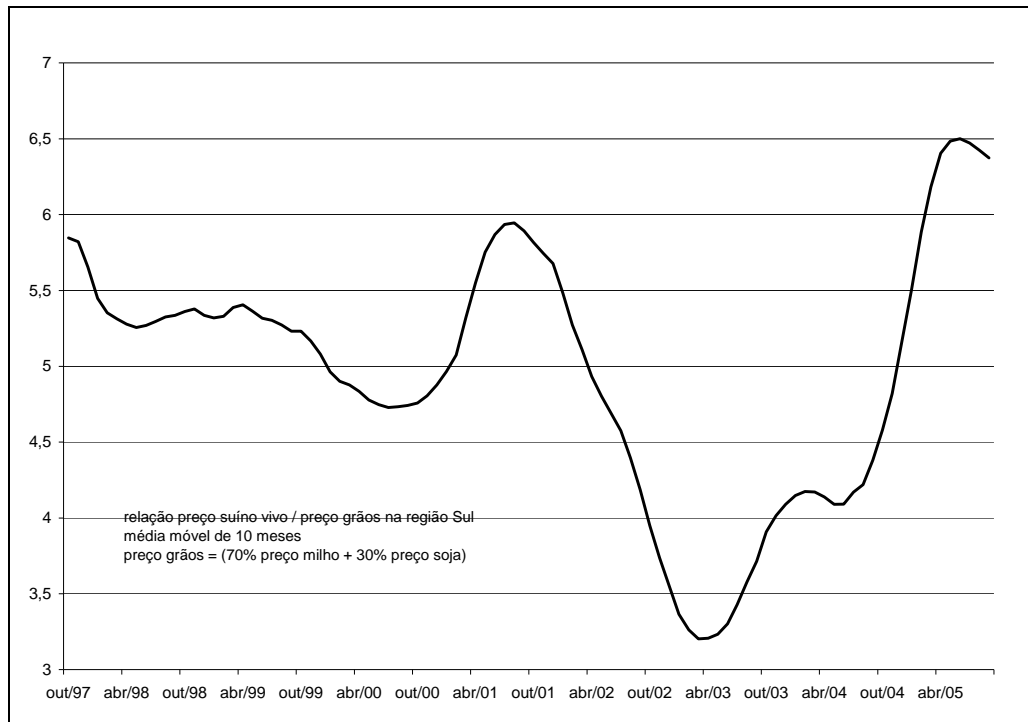
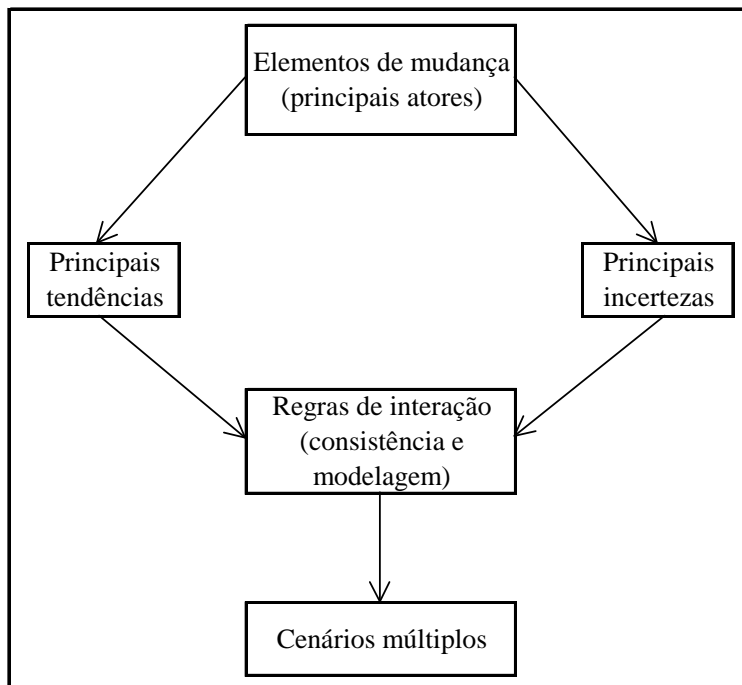


Figura 1 – Relação entre o preço do suíno vivo e o preço dos grãos, região Sul.

2. Base teórica e metodologia

A literatura sobre a construção de cenários prospectivos floresce em grande parte como uma categoria das diversas formas e métodos de planejamento estratégico nas organizações. Da análise SWOT (do inglês *strength*, *weakness*, *opportunity* e *threat*), passando pela matriz de penetração de mercado de Ansoff e pela matriz BCG (de Boston Consulting Group), até as estratégias genéricas de Porter (1996), todas são ferramentas gerenciais e de planejamento para organizações (Mintzberg et al., 2000). O planejamento através de cenários permite construir diversas narrativas plausíveis sobre o futuro, reconhecer incertezas e ambigüidades no contexto ambiental, bem como considerar implicações estratégicas (Schoemaker 1995; Burt & Van der Heijden 2003). Portanto, os cenários são ricos em informações pois tentam captar um vasto leque de possíveis futuros, estimulando as pessoas a considerar mudanças (Schoemaker, 1995). Um definição ampla considera que “cenários são descrições de possíveis futuros que refletem diferentes perspectivas sobre o passado, o presente e o futuro” (van Notten et al., 2003)¹. Cada cenário conta uma história de como vários elementos interagem sob certas condições (Schoemaker, 1995), sendo que a sua construção se inicia ao separar o conhecimento em duas partes. Os assuntos que acreditamos saber algo a respeito ou tendências, e os elementos desconhecidos ou incertezas (Schoemaker, 1995; van Notten et al., 2003). A seguir apresenta-se na Figura 2 os principais elementos e etapas envolvidos na construção de cenários.

¹ A Embrapa também possui experiência no uso dessa ferramenta de planejamento, através da construção de cenários acerca do futuro da pesquisa, do desenvolvimento e da inovação para o agronegócio brasileiro no período de 2002 a 2012 (Embrapa, 2003)



Fonte: Schoemaker, 1995.

Figura 2 - Processo de construção de cenários.

O presente trabalho é um estudo exploratório da cadeia produtiva da carne suína brasileira, com ênfase nos três estados da região Sul. Tem como objetivo identificar dois elementos centrais na construção de cenários, quais sejam: as tendências e as incertezas percebidas pelos principais agentes da cadeia produtiva. Seguindo a proposta de classificação de projetos de cenários com base em múltiplos critérios de van Notten et all. (2003), o presente trabalho:

- visa construir cenários exploratórios: descritivos, baseado em projeções, com um foco de análise geográfico (Brasil) e setorial (cadeia produtiva da carne suína), com uma escala temporal de curto prazo (cinco anos) e com uma escala espacial nacional mas influenciada pelo global;
- através de um processo intuitivo: utiliza dados qualitativos, coletados através de entrevistas com agentes da cadeia produtiva²;
- de conteúdo complexo: a natureza das variáveis é heterogênea (sobre diversos temas), gera contrastes e supõe eventos extremos com futuros significativamente distintos.

As unidades de análise são as instituições públicas e privadas que representam, apóiam e fiscalizam a suinocultura nacional. O estudo foi baseado em 19 entrevistas com dirigentes e técnicos dessas instituições (dez no serviço público de apoio e fiscalização, cinco de representação dos produtores e quatro de representação das indústrias). As entrevistas seguiram um protocolo cujo principal instrumento é um roteiro estruturado de questões.

3. Resultados e discussão

O trabalho tem uma abrangência temporal de médio prazo, os próximos cinco anos, e se volta para os anseios da suinocultura brasileira em evitar ou amenizar crises como a que ocorreu

² Os autores agradecem o apoio financeiro da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) que viabilizou as entrevistas.

recentemente. Os atores nesse processo são os setores que compõem a cadeia produtiva, com ênfase para os produtores e as agroindústrias.

A tendência mais citada (12 vezes) foi o aumento da escala, com especialização, profissionalização e intensificação tecnológica na produção de suínos, juntamente a ganhos de escala entre as agroindústrias e redução da capacidade ociosa. Isso acarreta maior eficiência produtiva e aumento do peso médio de abate, com maior rentabilidade das agroindústrias e dos suinocultores que permanecem na atividade. Por outro lado leva à exclusão dos menos eficientes e concentração industrial (Figura 3). Em seguida, foi citada a tendência (11 vezes) de aumento da concorrência internacional (com destaque para a exigência por sistemas de rastreabilidade), e de elevação das barreiras sanitárias, sobretudo na UE. Isso afeta a lucratividade do setor, podendo ser repassado ao lado social através do fechamento de frigoríficos e da exclusão de suinocultores menos eficientes. Entretanto, o ambiente competitivo internacional torna obrigatória a qualificação das empresas nacionais. Outra tendência frequentemente citada (10 vezes) foi o aumento na coordenação entre os elos da cadeia produtiva, através da integração vertical entre as empresas líderes, mas também através de ações de cooperação entre associações, produtores independentes, e instâncias de regulação como a câmara setorial. A maior integração permite ganhos de eficiência organizacional e menor volatilidade em preços, quantidade e qualidade. A maior coordenação permite que a cadeia produtiva responda de forma mais eficiente a choques externos, ou pelo menos sem euforia nos ciclos de expansão. Por fim, espera-se que a legislação ambiental seja cada vez mais restritiva (citado 7 vezes), com a incorporação de tecnologias de tratamento de dejetos e de limites à expansão da atividade nas tradicionais regiões produtoras do Sul. Isso pode levar a uma menor lucratividade, mas com um potencial de inovação tecnológica e de redução do impacto ambiental.

Assim como para as tendências, foram identificados os principais acontecimentos cujo desdobramento é extremamente incerto e que podem afetar de forma significativa a suinocultura brasileira. A principal incerteza citada é econômica (17 vezes), e questiona qual o potencial de crescimento dos mercados externo e interno. Um crescimento significativo da demanda externa representa uma oportunidade de crescimento da produção acima das restrições internas. Por outro lado, um baixo crescimento da demanda externa, dada a oferta atual, pode acarretar uma crise acentuada de sobre-produção. Outra incerteza citada (08 vezes) é quanto ao status sanitário brasileiro, visto que uma crise sanitária pode inviabilizar a atual expansão brasileira, com profundos impactos econômicos e sociais. Por fim, questiona-se (citado 07 vezes) quanto à futura localização da produção e do processamento e seu deslocamento para o Centro-Oeste, com ênfase para a disponibilidade de milho, o que leva ao desenvolvimento da fronteira agrícola, mas com potenciais efeitos negativos na geração de emprego e renda nos municípios das regiões onde a atividade se retira.

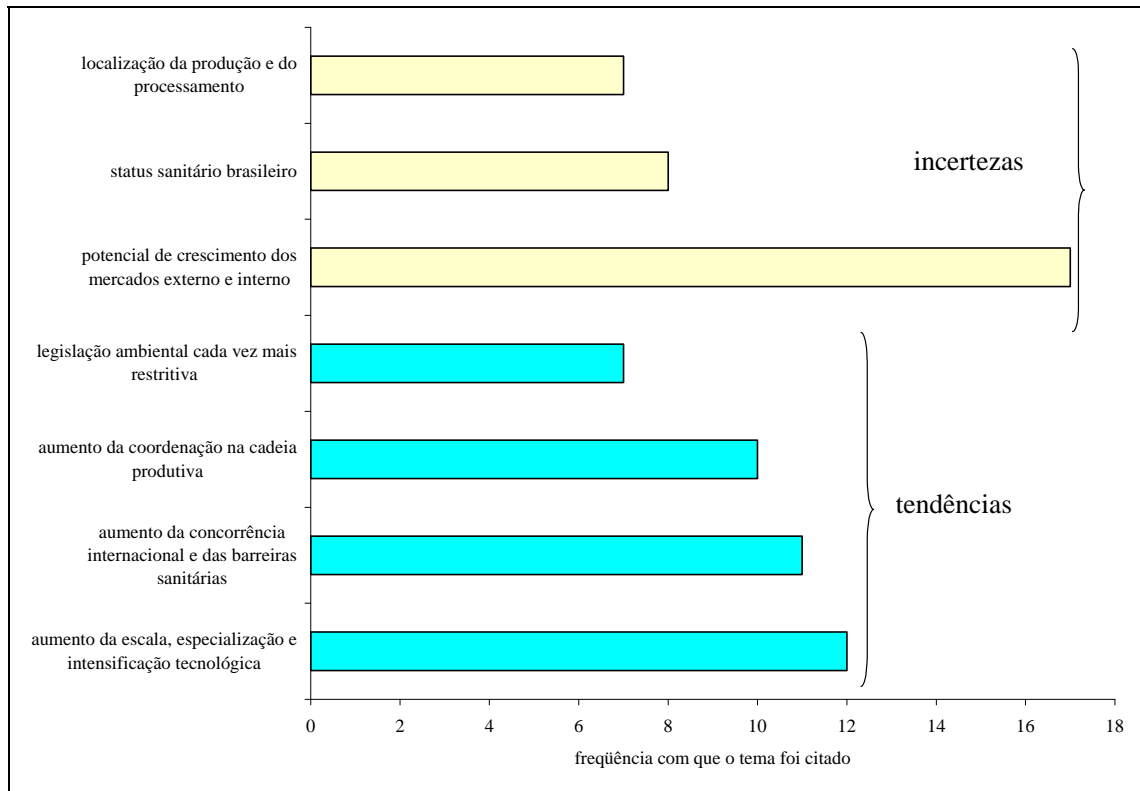


Figura 3 – Temas citados pelos entrevistados para a definição de tendências e incertezas para a construção de cenários na suinocultura brasileira.

Os resultados do estudo constituem os elementos para a construção de esboços de cenários. Para tanto, faz-se um cruzamento das duas principais incertezas, a econômica (crescimento ou estagnação dos mercados externo e interno) e a sanitária (controle ou crise). Obtém-se assim uma matriz com quatro cenários possíveis (Figura 4): “oportunidade de ouro”; “crescimento constrangido”; “marcando passo” e “desastre”.

		Incerteza sanitária	
		crise sanitária	controle sanitário
Incerteza de demanda	excesso de oferta	DESASTRE	CRESCIMENTO CONSTRANGIDO
	mercado aquecido	MARCANDO PASSO	OPORTUNIDADE DE OURO

Figura 4 – Matriz de cruzamento de incertezas.

A partir das tendências apontadas há a necessidade de pesquisar os desdobramentos de cada um desses cenários para o deslocamento regional da produção e abate, para a distribuição de ganhos e perdas entre os elos da cadeia nos períodos de expansão e retração, para a

intensificação do processo de verticalização e organização industrial e, também, para os impactos ambientais que podem ocorrer em cada uma dessas situações.

4. Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INDÚSTRIAS PROCESSADORAS E EXPORTADORAS DE CARNE SUÍNA. Relatório Anual 2004. Disponível em <http://www.abipecs.com.br>. Acesso em 08/06/2005.

BURT, G. e van der HEIJDEN, K. First steps: towards purposeful activities in scenario thinking and future studies. Futures XX, 2003.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. Medium term projections for meat and dairy products to 2010. Intergovernmental Group on Meat and Dairy Products, Nineteenth Session, Rome, 27-29 August 2002. Disponível em <http://www.fao.org>. Acesso em 13/09/2004.

GIROTTO, A. F.; MIELE, M. Situação atual e tendências para a suinocultura brasileira nos próximos anos. Anuário 2005 da Suinocultura Industrial, Porto Feliz, v. 184, p. 14-25, 01 jan. 2005.

GOMES, M.F.M.; GIROTTO, A. F.; TALAMINI, D. J. D. Análise prospectiva do complexo agroindustrial de suínos no Brasil. Concórdia, SC: EMBRAPA – CNPSA, 1992. 108 p.

GUIVANT, J.; MIRANDA, C. As duas caras de Jano: agroindústrias e agricultura familiar frente à questão ambiental”. Cadernos de Ciência e Tecnologia, Embrapa, v. 16, n. 3, set/dez 1999, p. 85-128.

LIMA, R. C. de A., CUNHA, J. H. e GALLI, F. O impacto das barreiras Sanitárias nas Exportações Brasileiras de Carne in natura ICONE, São Paulo, Agosto de 2004. 19 p.

MARTINEZ, S.W. Vertical Coordination in the Pork and Broiler Industries: Implications for Pork and Chicken Products, AER-777. U.S. Department of Agriculture, Economic Research Service, April 1999.

MIELE, M.; MACHADO, J. S. Levantamento Sistemático da Produção e Abate de Suínos - LSPS. Metodologia Abipecs-Embrapa de previsão e acompanhamento da suinocultura brasileira. Série Documentos, Concórdia, v. 104, p. 1-25, 2006. Disponível em <http://www.cnpsa.embrapa.br>. Acesso em 30/03/2006.

MIELE, M.; MACHADO, J. S.; GIROTTO, A. F. Perspectivas para a cadeia produtiva da carne suína brasileira em 2006. Pork World, Paulínia, v. 30, p. 18-21, 01 fev. 2006.

MINTZBERG, H.; AHLSTRAND, B.; LAMPEL, J. Safári de Estratégia: um roteiro pela selva do planejamento estratégico. Porto Alegre: Bookman, 2000. 299p.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. Agriculture, Trade and the Environment. The Pig Sector. OECD Publishing, 2003. Disponível em <http://www.oecd.org>. Acesso em 22/11/2004.

PILLON, C. N., MIRANDA, C. R., GUIDONI, A. L., COLDEBELLA, A., PEREIRA, R. K. Diagnóstico da propriedades suinícolas da área de abrangência do Consórcio Lambari, SC: relatório preliminar. Embrapa Suínos e Aves. Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 2003. 33p.

PORTER, M.E. Vantagem competitiva. Criando e sustentando um desempenho superior. Rio de Janeiro: Campus, 1996. 512p.

RABOBANK. The supply chain of pork: US and China. Rabobank Food & Agribusiness Research, March 2002. 27 p.

SANTINI, G. A. e SOUZA FILHO, H. M. Mudanças tecnológicas em cadeias agroindustriais: uma análise dos elos de processamento da pecuária de corte, avicultura de corte e suinocultura XLII Congresso da SOBER, Cuiabá, 25 a 28 de julho, 2004.

SCHOEMAKER, P. J. H. Scenario Planning: A Tool for Strategic Thinking. Sloan Management Review, Winter 1995, p. 25-40.

TESTA, V. M. Desenvolvimento sustentável e a suinocultura do oeste catarinense: desafios econômicos, sociais e ambientais. In: GUIVANT, J.; MIRANDA, C. (Org.). Desafios para o desenvolvimento sustentável da suinocultura. Chapecó, 2004, v. 1, p. 23-72.

VAN NOTTEN, P. W. F., ROTMANS, J., van ASSELT M. B. A., ROTHMAN, D. S. An updated scenario typology. Futures 35 (2003), pg. 423-443.

WEDEKIN, V.S.P., MELLO, N.de Cadeia produtiva da suinocultura no Brasil. Agricultura em São Paulo, SP, 42(1):1-12, 1995.

WEYDMANN, C. L. O padrão concorrencial na agroindústria suína e as estratégias ambientais. In: GUIVANT, J.; MIRANDA, C. (Org.). Desafios para o desenvolvimento sustentável da suinocultura. Chapecó, 2004, v. 1, p. 173-199.